

Etnolinguística e cultura vaqueira: reflexões sobre o fazer indisciplinar em Linguística Aplicada

Ethnolinguistics and cattlemen culture: reflections about interdisciplinary practice in Applied Linguistics

Ticiane Rodrigues Nunes  

ticiane.nunes@urca.br

Universidade Regional do Cariri – URCA

Resumo

Investigar a linguagem em sociedade é perceber as nuances que cercam as práticas languageiras dos grupos sociais. Por esse viés, objetivava-se discutir e problematizar a configuração sociodiscursiva que envolve a pesquisa etnográfica no contexto laboral e social dos vaqueiros do Ceará. Nesse percurso, observa-se os aspectos etnolinguísticos que pautam a dinâmica de investigação em campo para o fazer etnográfico e a composição do campo e do vocabulário da cultura vaqueira do Ceará. Para o desenvolvimento da pesquisa, segue-se os postulados dos estudos do léxico (Coseriu, 1981) em interface com a Filologia (Silva Neto, 1960; Ximenes, 2013) e os estudos culturais (Hampaté Bâ, 2010), em diálogo com a Etnografia (Angrosino, 2009; Barbour, 2009) e a Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006; 2013; Signorini, 1998a, 1998b; Blommaert; Maly, 2014). Em suma, traz-se para o foco da discussão a pertinência do diálogo entre pesquisador e participantes da pesquisa de modo a romper a hegemonia disciplinar e suscitar a produção do conhecimento não apenas pelo contexto acadêmico, mas reconhecendo a sabedoria dos grupos não hegemônicos e a sua relevância para a transformação social e o fortalecimento das vozes do Sul.

Palavras-chave

Cultura Vaqueira. Etnolinguística. Etnografia. Linguística Aplicada Indisciplinar. Linguística Aplicada.

Abstract


Investigating language in society is to perceive the nuances surrounding the language practices of social groups. For this bias, the objective is to discuss and problematize the socio-discursive configuration that involves ethnographic research in the labor and social context of the cattlemen from Ceará. In this path, it's observed the ethnolinguistic aspects that list the dynamics of field research for the ethnographic work and the composition of the field and vocabulary of the cattlemen culture of Ceará. For the development of the research, it's followed the postulates of lexicon studies (Coseriu, 1981) in interface with Philology (Silva Neto, 1960; Ximenes, 2013) and cultural studies (Hampaté Bâ, 2010), in dialogue with Ethnography (Angrosino, 2009; Barbour, 2003) and Non-disciplinary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006; 2013; Signorini, 1998a, 1998b; Blommaert; Maly, 2014). In short, the pertinence of the dialogue between researcher and research participants is brought to the focus of the discussion in order to break the disciplinary

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 03/09/2024

Aprovação do trabalho: 09/11/2024

Publicação do trabalho: 20/03/2025

 10.46230/lef.v16i4.15197

COMO CITAR

NUNES, Ticiane Rodrigues. Etnolinguística e cultura vaqueira: reflexões sobre o fazer indisciplinar em Linguística Aplicada. **Revista Linguagem em Foco**, v.16, n.4, 2024. p. 188-204. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagem-memfoco/article/view/15197>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

hegemony and arouse the production of knowledge not only by the academic context, but recognizing the knowledge of non-hegemonic groups and their relevance for social transformation and the strengthening of Southern voices.

Keywords

Cattlemen Culture. Ethnolinguistics. Ethnography. Indisciplinary Applied Linguistics. Applied Linguistics.

Considerações Iniciais

Linguagem e cultura são dois temas que se relacionam por meio de uma linha tênue e quase imperceptível quando situados no contexto da Linguística Aplicada (doravante LA) – mais exatamente a LA Indisciplinar –, pois é por meio dessa relação que observamos as realidades linguísticas de modo a percebê-las por seus jogos de linguagem e agências sociais. É por esse viés que, neste artigo, discuto¹ experiências etnográficas vividas com vaqueiros, com o propósito de problematizar a configuração sócio-discursiva que envolve a pesquisa etnográfica no contexto laboral e social de um grupo que está presente no sertão desde os primeiros séculos da colonização brasileira.

Partindo da conjectura de Moita Lopes (2006, 2013) acerca da Linguística Aplicada Indisciplinar, proponho-me a debater, a partir de relatos e de vivências cotidianas de/com vaqueiros e copartícipes² dessa cultura, como a linguagem se engaja nas vivências de modo a se perceber os aspectos culturais, sociais, históricos e ideológicos presentes nessa cultura viva, há mais de quatro séculos, que resiste no contexto contemporâneo.

Desse modo, inserida nas vivências etnográficas desenvolvidas desde minha pesquisa de doutoramento (Nunes, 2018)³, que resultou no vocabulário do campo lexical da cultura vaqueira do Ceará, e do Projeto de Pesquisa *Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará*, percebo como a Etnografia e a LA

1 Neste artigo, utilizo a primeira pessoa do singular quando se trata de situações e experiências vividas por mim como pesquisadora inserida na etnografia e em diálogo com informações que me marcaram como pesquisadora e leitora. Em outros momentos, utilizo a primeira pessoa do plural quando se fizer presente a pluralidade de vozes no discurso e no diálogo com teóricos e teorias.

2 Os/as co-partícipes da cultura vaqueiras são todos os familiares, os apoiadores e pessoas que de algum modo se relacionam com essa cultura e com ela interage.

3 A referida pesquisa ocorreu no período de 2015 a 2018, apoiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico – FUNCAP por meio de bolsa, e faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado *Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará*, que tem como objetivo estudar manifestações linguísticas, sócio-históricas e culturais expressas por vários grupos sociais que habitam o Ceará. O projeto mencionado foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará e aprovado sob o parecer nº 1.875.961.

pautaram a pesquisa participante que focalizou a linguagem do vaqueiro, considerando primordialmente os relatos, as vivências cotidianas e as decisões dos próprios participantes para a composição do campo lexical e do vocabulário, que compõe o *modus vivendi* do grupo.

Nesse percurso, é possível perceber como a pesquisadora⁴ e os participantes interagem em entrevistas e vivências cotidianas, com vistas a problematizar as relações investigativas de modo decolonial, considerando os participantes testemunhos vivos de uma cultura de reexistência (Hampaté Bâ, 2010). Sendo assim, ressalto o caráter filológico desta discussão, posto que os participantes da pesquisa são considerados documentos vivos, de modo que seus relatos e práticas languageiras são igualmente documentos, pois, como postula Malmberg, “os textos orais são também objeto da Crítica Textual [Filologia]” (Silva, 1994, p. 1). Nesse sentido, Malmberg destaca que a palavra texto precisa ser tomada em seu sentido mais amplo nos estudos filológicos, uma vez que as tradições populares, fruto da cultura do não escrito, passam de geração em geração oralmente e não seria possível a sua transmissão se a Crítica Textual/Filologia não se dedicasse a esses relatos, ou seja, às falas dos membros das comunidades participantes das pesquisas, o que ressalta a relevância dos registros orais (Silva, 1994, p. 1).

A noção de texto para o fazer filológico na atualidade é ampla e envolve a multimodalidade, como bem postula Borges (2018, p. 20):

Texto é, no nosso entender, tecido (ou rede) que se constrói dos mais variados fios de uma tessitura na trama textual. Também ampliamos a noção de texto, como faz McKenzie (2005[1986]), do manuscrito e impresso a outras formas, principalmente no fazer de uma edição digital/eletrônica, para “os dados verbais, visuais, orais e numéricos em forma de mapas, impressos e música, arquivos de registros sonoros, de filmes, vídeos e a informação computadorizada.

Por conseguinte, Ximenes (2013) defende que os documentos, como testemunhos de uma época, trazem à tona questões não apenas linguísticas e históricas, mas reveladoras de tensões sociais que podem ser percebidas através de estudos que recorrem a diversas áreas a fim de trazer à baila as temáticas que

4 Aqui trago a referência da pesquisadora como um indivíduo que viveu a geração dos dados e as interações com os participantes da pesquisa em campo nos municípios de Canindé e de Morada Nova no Ceará. A mesma modalização pode ser percebida nos relatos dos participantes, pois eles dialogam diretamente comigo, a pesquisadora presente em campo.

emergem do trabalho filológico de iluminação dos manuscritos/datiloscritos.

Nesse âmbito, Hampaté Bâ (2010) reconhece a tradição oral como uma tradição viva que não pode ser comportada em sua totalidade pela escrita, pois faz parte dessa tradição a transmissão desse conhecimento de geração a geração, já que essa tradição vive nos indivíduos que a repassam, preservam e defendem. Portanto, considero que os vaqueiros são a tradição viva da cultura que vivenciam e transmitem às futuras gerações.

É nesse movimento de diálogos trans e interdisciplinares que a LA se insere, concebendo a linguagem do vaqueiro como um lugar de interação e de agências sócio-discursivas, e compreendendo os conflitos sócio-históricos que se revelam por meio da linguagem praticada nessa cultura.

Com vistas a alcançar o objetivo lançado, apresento um debate que busca, na questão léxico-cultural, a compreensão da memória como um fator determinante para o conhecimento do passado e a compreensão do presente. E, posteriormente, empenho-me numa discussão que coloca a LA em contexto de diálogo com a etnografia para problematizar o percurso metodológico que se pauta na indisciplinaridade que circunda a LA contemporânea e sua inserção no campo de pesquisa com pessoas.

1 Léxico, Cultura e Práticas Sociais

O léxico é uma parcela da língua que nos permite destoldar as redes de significado que permeiam a vida humana em diversos contextos, desde as relações sociais, culturais, laborais, dentre outras. É pelo léxico que se revela a riqueza e a complexidade das realidades linguísticas habitadas pelos atores sociais, pois, como asseveram Barreiros e Barreiros (2015, p. 397), “o estudo do léxico é amplo e envereda pela história, hábitos e costumes de um povo, já que é o resultado de inúmeras e complexas relações verificáveis num contínuo histórico da língua, sempre em constante movimento [...]”.

Nesse sentido, é mister ratificar que a linguagem encontra no léxico “[...] o seu verdadeiro e adequado lugar como parte integrante da história da cultura” (Silva Neto, 1960, p. 47), visto que, segundo Rajagopalan (2003), o léxico é considerado uma unidade da língua permeada por uma atitude social e política, posto que o ato de nomear é nitidamente percebido como uma atitude que marca a presença de uma tradição, de uma inserção/exclusão social, de uma relação de interação, de uma categorização, ou seja, organiza/(d)estabiliza os contextos so-

ciais, políticos e, acima de tudo, comunicativos.

É nesse instante que o conceito de realidade linguística se encontra com o léxico numa perspectiva pragmática, pois, por intermédio do caráter indexicalizador das estruturas lexicais, as dimensões significativas reveladas textual e discursivamente são recuperáveis pelos contextos observados/vividos (Blommaert; Maly, 2014). Com essa visão, as experiências etnográficas da observação participante vividas com vaqueiros e copartícipes da cultura vaqueira são uma dimensão de percepção da realidade linguística via relatos e diálogos emergidos em muitos momentos de interação, como grupos focais, entrevistas individuais, pegadas de boi, lida diária e eventos sociais e religiosos.

Ao conceber o léxico como elemento linguístico emergente nas práticas languageiras presentes na realidade linguística dos vaqueiros, corroboramos o pensamento de Moita Lopes (2006) ao defender que a principal preocupação da LA Indisciplinar é estudar a linguagem para compreender a sociedade.

Essa intencionalidade pode ser claramente percebida pelas declarações dos vaqueiros participantes da pesquisa etnográfica, posto que é um tópico constante de suas falas a preocupação com a continuidade da cultura vaqueira, como revela um dos participantes: “[...] *you are here is a thing that will take our culture out of here, it is important that other people know that we are here to see if the next generations here also are interested in our roots. [...]*”⁵. Nesse relato, o vaqueiro registra a preocupação com o reconhecimento de sua cultura e completa: “*in this dictionary here you are doing with the people you are the only one who knows now and tries to teach, this way of speaking. Our way of living and speaking is only ours. The people are like that, a people of the land*”.

Por esse testemunho, entendemos que a linguagem é um atributo marcante nas sociedades, por proporcionar o conhecimento das vivências concretas das práticas culturais de grupos e comunidades e por encontrar no léxico uma maneira de registrar essas práticas laborais e sociais, os instrumentos e os procedimentos de trabalho, os objetos de modo geral entre outros aspectos da cultura que podem ser conhecidos pela posteridade.

Nesse ínterim, Chartier (2021) discute as ideias de Ricoeur a respeito da distinção entre testemunho e documento, compreendendo que há um traba-

5 Os relatos dos participantes da pesquisa são apresentados no corpo do texto em forma de citação diretas curtas e longas, de acordo com a sua extensão, e em itálico.

lho desenvolvido entre a memória e a historiografia, em que há duas distinções essenciais, respectivamente: 1) o testemunho é “inseparável da testemunha e da credibilidade outorgada a suas palavras”; e 2) o documento “permite o acesso a conhecimentos que não foram propriamente recordações de alguém” (Chartier, 2021, p. 36).

A respeito dessa perspectiva de Ricoeur, podemos trazer a lume a proposição de Hampaté Bâ (2010) sobre os testemunhos, visto que para o autor “[...] o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata de testemunhos de fatos passados. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem” (Hampaté Bâ, 2010, p. 168). Por esse viés, Hampaté Bâ (2010) questiona a hegemonia da escrita e a fidedignidade desses registros, ressaltando o ser humano como uma biblioteca que a partir de suas práticas languageiras orais deu origem à escrita.

A partir da visão de Hampaté Bâ (2010) é possível reverberar a relevância dos testemunhos dos vaqueiros para a composição do campo lexical de sua cultura, visto que há um engajamento social dos participantes da pesquisa no contexto de suas práticas culturais e o exercício de uma militância cultural por parte desses vaqueiros e copartícipes que imprimem no léxico a fotografia linguística dessa cultura na contemporaneidade.

Não obstante, vale destacar a concepção de Coseriu (1981) e Benveniste (1974) acerca da realidade linguística, posto que, para os autores, os domínios discursivos compõem contextos comunicativos vividos pelos falantes e estruturados por meio de elementos linguístico-culturais. Esses falantes, por sua vez, são capazes de perceber quais situações, sujeitos, finalidades comunicativas estão ligados às lexias e aos discursos que proferimos, o que nos alerta para a capacidade linguística de entender a adequação de estruturas e composições inseridas nas práticas discursivas. Logo, fica claro, na concepção de Coseriu (1981) e Benveniste (1974), que as experiências de linguagem são frequentemente uma ressalva para percebermos os elementos linguísticos que compõem uma realidade linguística, já que o falante compreende “[...] a delimitação de uma determinada realidade de linguagem se vivenciá-la ou observá-la em algum momento” (Nunes, 2018, p. 68).

É por esse viés que a LA Indisciplinar adentra à pesquisa, compreendendo que parto de uma vivência que busca, por meio da linguagem, revelar-se ao mundo, trazendo à tona o léxico que nomeia seus viventes, suas práticas laborais e de lazer, seus espaços, suas vestimentas, sua alimentação, seus animais, suas crenças e suas ideologias. Assim, a LA aqui se volta para as tensões sociais do con-

texto estudado, buscando na composição do campo lexical uma maneira de melhor compreender a realidade dos vaqueiros na contemporaneidade e perceber a linguagem desses indivíduos como inerente a eles. Sendo assim, passamos ao entendimento de como Etnografia e LA Indisciplinar se envolvem nesse percurso investigativo.

2 LA Indisciplinar, Etnografia e Questões Metodológicas

No âmbito da LA, a presente pesquisa foi gestada com o propósito de mergulhar na cultura vaqueira de modo a compreendê-la pelo olhar dos próprios vaqueiros. Olhar esse que duvidosamente – como pesquisadora não nativa desse contexto – conseguiria lançar. Assim, a Etnografia adentrou a investigação, como uma metodologia que permite a observação participante, a vivência e a cumplicidade entre pesquisadores e participantes (Angrosino, 2009).

Foi nesse percurso que a LA Indisciplinar trouxe a sensibilidade para perceber como a linguagem revela os conflitos, as problemáticas e as emergências vividas pelos grupos, pois é nesse contexto multifacetado – segundo Latour (1994), tecitura social de naturezas-culturas –, que há a necessidade de romper a disciplinaridade. Nesse sentido, Fazenda (2006, p. 43) postula que “a Interdisciplinaridade leva todo especialista a reconhecer os limites de seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas”, com vistas a ampliar os saberes, os diálogos e as construções epistemológicas entre as ciências/disciplinas. Desse modo, encontramos na LA Indisciplinar um terreno fecundo para buscar novas e outras formas de produzir conhecimento (Moita Lopes, 2006), que, segundo Miller (2013), tem no propósito da transformação social, ética e identitária a mais significativa contribuição da LA contemporânea.

Seguindo esse fluxo de emergências do campo de pesquisa e o fortalecimento da LA Indisciplinar, para a investigação etnográfica foi imprescindível me transportar para o contexto dos participantes – os municípios de Canindé e Morada Nova –, com vistas a compreender *in loco* a dimensão do universo espacial, social e cultural onde vive o vaqueiro no Ceará. Assim, em 2015, iniciei a aproximação com o objetivo de conhecer os vaqueiros de ambos os municípios. Contudo, só em 2016, com a solícita ajuda de dois amigos e conhecidos dos vaqueiros e de seus partícipes, a aceitação veio por parte dos participantes.

No período inicial de aproximação, participei de muitas reuniões das associações dos vaqueiros, missas, novenas, festas, cavalgadas, todas a convite dos

participantes. Esse período de aproximação foi um momento em que pude perceber a alteridade dos vaqueiros diante de sua cultura e demonstrar o meu comprometimento social, político, cultural e acadêmico para com eles.

Ainda na aproximação, a captação de imagens (fotografias e vídeos) foi um elemento determinante para o estabelecimento de vínculo, pois pude expressar o meu posicionamento sobre a imagem dos vaqueiros e fornecer-lhes suas fotografias. Essa parceria por meio das fotografias vai ao encontro do que postula Regnault (1923) em sua prática etnofotográfica do comportamento, posto que o autor lança mão dessa produção pictórica como um recurso de memória, que, mais tarde, se “popularizou e difundiu, transformando a vida social, sobretudo a unidade familiar, em memória imagética. [...]”, assim “[...] passou a fazer parte indissociável da vida social, tornando-se um elemento visual imprescindível de tal modo que, fixar a realidade efêmera transformou-se em um ritual que cultua recortes do passado” (Tiballi; Jorge, 2007, p. 64).

Não posso deixar de expressar a satisfação dos participantes da pesquisa ao receberem suas fotografias, pois era constante a indagação sobre o que faria com essas imagens, onde as exibiria. Porém, quando respondia que as imagens eram deles e as traria no encontro seguinte, a comoção em recebê-las impressas convertia-se em colaboração, em empenho e em vontade de participar da pesquisa. Como relata uma das participantes: *“eu não imaginei que você ía mesmo trazer! Eu gostei muito do presente e quero ajudar, não pela foto, mas pela sua consideração de você voltar!”*. Esse relato, como assevera Angrosino (2009), demonstra a necessidade do respeito mútuo entre participante e pesquisadora, de modo a compreender que a pesquisa de campo não é feita de um momento, mas de um ciclo de vivências que transformam estado emocional e atitudes em saber científico.

Mais tarde, em agosto de 2016, iniciei as gravações das entrevistas, entrevistas essas que se multiplicaram em conversas individuais e grupos focais totalmente espontâneos e que abrilhantaram a geração de dados⁶. A esse respeito, Barbour (2009) destaca que os grupos focais além de serem uma característica da etnografia, também reverberam o caráter de coletividade desse tipo de estudo, visto que os participantes se definem como grupo e no grupo se afirmam, re-

6 Vale destacar que as gravações de entrevistas e momentos espontâneos acompanharam todo o percurso de construção da pesquisa de doutoramento e acontecem até a atualidade no âmbito do Projeto Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará.

afirmam e buscam no discurso uns dos outros o ecoar das vozes que propagam suas identidades. Esse movimento foi percebido veementemente nos grupos focais quando eles informavam que chamariam os outros. Um deles diz: *“Espere aí que eu volto já com os outros! Pessoal, senta aqui pra gente conversar e contar pra essa menina as nossas histórias, é importante! Ela quer ouvir!”*. Todos atenderam o chamado e, nesse grupo especificamente, conversei com nove vaqueiros em um colóquio que durou horas.

Depois de tantas viagens, conversas, eventos, reuniões e missas, pude iniciar a organização dos dados (entrevistas, grupos focais, fotografias, vídeos, cordéis, objetos e notas de campo) para a organização do campo lexical cultura do vaqueiro e, conseqüentemente, do vocabulário. Nesse momento, apesar de haver a expectativa de um trabalho acadêmico solitário, contei massivamente com a participação dos vaqueiros, que se dispuseram a conversar comigo para ponderar sobre a presença das lexias no campo lexical, sobre a posição delas na composição do campo e sobre a elaboração das acepções e dos contextos de uso.

Vale ressaltar que as discussões aconteceram em grandes mesas nas festas para as quais eles me convidaram. Assim, eu trazia o material impresso ou no computador, mostrava aos participantes e debatíamos sobre as lexias, suas acepções, e, conseqüentemente, eles sugeriam modificações, retiradas e acréscimos. Logo, por meio do diálogo com diversos vaqueiros, o vocabulário foi se estruturando e tomando uma forma que condizia com a realidade vivenciada pelos participantes da pesquisa, pois tornou-se uma construção colaborativa que trouxe os participantes como coautores. A esse respeito, é curioso como participantes e copartícipes da cultura vaqueira demonstraram interesse em participar desse momento, sentindo-se capazes de julgar e reelaborar as acepções das lexias, visto que conferiam a presença das lexias no vocabulário, discutiam sobre o entendimento das acepções e a adequação dos contextos de uso (exemplos), tiravam dúvidas uns com os outros e se sentiam reconhecidos por poderem dizer se concordavam ou não com o que eu escrevia sobre eles. Foi bonito ver como os participantes se envolveram nessa etapa e como se sentiram respeitados academicamente como atores sociais pensantes e dotados de muito conhecimento.

Durante essas conversas, tive a oportunidade de compartilhar com vaqueiros e copartícipes da cultura muitos momentos de cumplicidade e colaboração que ficaram marcados na memória e no discurso de quem lá estava. Como ressaltam alguns vaqueiros: *“Nunca chegou aqui uma professora que só quisesse conversar com a gente e deixar a gente dá pitaco no trabalho dela.”*; *“É muito*

engraçado isso! A gente tá ajudando mesmo?!"; "Por que a senhora escuta tanto a gente?"; "Tenho o maior prazer de ajudar porque você abraça mesmo a nossa cultura, tá sempre aqui!". Esses relatos revelam o que Angrosino (2009) concebe como reciprocidade, característica indispensável ao etnógrafo e preciosa para o processo investigativo quando expressada pelos participantes da pesquisa. De acordo com Angrosino (2009), a reciprocidade é cara à etnografia e institui um contexto de produção científica que eleva os envolvidos na pesquisa ao nível do respeito mútuo, ou seja, uma investigação orientada por princípios éticos que regem as relações interpessoais instituídas entre pesquisador e participantes.

Vale destacar que o pesquisador, enquanto ser humano que participa das experiências do grupo de atores que acolhe a etnografia, precisa estar atento às atitudes que performatiza, pois condutas de carácter colonizador por parte da academia são recorrentes e desrespeitam os participantes e suas culturas. Contudo, é urgente que amansemos a universidade (Domingues, 2016) e façamos dela um lugar para todos, incluindo considerar os participantes da pesquisa como co-autores dotados de conhecimento acadêmico-científico. Esse movimento, por sua vez, pode ser percebido, por exemplo, pela aceitação da ação dos participantes sem a manipulação das informações, como também pela mudança da nomenclatura adotada pela Plataforma Brasil para as *pesquisas dessa natureza, que antes eram pesquisas com utilização de seres humanos e, agora, são pesquisas envolvendo seres humanos*.

É no campo da etnografia que a LA encontra espaço para dialogar com as questões críticas emergentes das realidades. A esse respeito não podemos deixar de mencionar o que postula Simon e Dippo (1986), pois, para os autores, o fazer etnográfico demanda um engajamento que, conseqüentemente, fomenta a produção de conhecimento que reflete pensamento e ação construídos coletivamente. Pennycook (1998) complementa ao enfatizar que a pesquisa etnográfica não se restringe às questões hermenêuticas, mas propõe-se a um movimento crítico e emancipatório capaz de romper o positivismo e alcançar problemáticas que circulam no grupo e ainda não foram reveladas/discutidas.

Ao observar as proposições de Simon e Dippo (1986) e de Pennycook (1998), lembro-me das questões surgidas durante as vivências com os vaqueiros, pois eram constantes as indagações que os conduziam à reafirmação de suas identidades culturais. Certa vez fui inquerida por um jovem cavaleiro sobre a escolha dos participantes da etnografia, visto que ele observou a presença marcante de pessoas mais idosas, assim, construímos nosso diálogo a partir de sua indagação:

Cavaleiro: – você tá pesquisando o que?

Pesquisadora: – a cultura vaqueira.

Cavaleiro: – como assim?

Pesquisadora: – eu pesquiso com os vaqueiros... a gente conversa e, nessa conversa, vou vendo as palavras que eles usam...

Cavaleiro: – ah entendi... mas me diz uma coisa: por que tu só fala com os mais velhos?

Pesquisadora: – porque eu tô pesquisando o vaqueiro tradicional... o que veste gibão...

Cavaleiro: – tu sabia que eu também sou vaqueiro?! Que eu uso gibão?! Eu trabalho assim com o meu pai, lá no nosso terreno. Lá eu faço tudo que eles aí fazem, até pegar boi na mata.

Pesquisadora: – mas aqui tu tá correndo vaquejada...

Cavaleiro: – e daí?! Eu sou vaqueiro... mesmo se eu só corresse vaquejada, tá no sangue, cresci fazendo isso!

Nesse diálogo, o participante revela sua identidade cultural vaqueira e enfatiza sua alteridade acerca da categorização que lhe foi atribuída. Assim, o participante desprende-se de convenções e rótulos e declara, de forma emancipatória, que sua cultura ocupa os espaços que deseja ocupar e, principalmente, que a lexia *vaqueiro* o denomina, não porque foi problematizada, mas por que ele aprendeu com o pai o ofício que exerce.

O fato de aprender com o pai a profissão e sentir-se ligada a ela pela terra pode ser também percebido nos depoimentos dos vaqueiros mais velhos:

Eu comecei pequeno ainda, inclusive eu comecei na fazenda barro vermelho, na qual meu colega falou, qual meu pai, era vaqueiro, que naquela época ele era vaqueiro e gerente, que nessa época eu não conhecia essa palavra de gerente... mas aí era uma facilidade, época boa, eles davam muitas vacas pros moradores criar a família, chegava um morador lá, falava que era conhecido dele, do senhor [...], o proprietário. Quando falava: "Sr. [...], me dê uma vaca pra mim comer leite". Ele dizia: "vá lá no cumpade [...]". Lá se me meu pai desse, tava dado, se não desse, também não adiantava ele voltar porque quem resolvia era meu pai, isso era uma maravilha, tempo bom! E eu comecei garoto, sendo jockey de cavalo de prado... tenho até uma perna torta aqui que foi quebrada e emendada lá em casa pelo meu pai mesmo, isso em 60, 1960. Quando foi em 1969, chegou a desapropriação, é... pra montagem do perímetro irrigado de Morada Nova, em 70, nos deixamos as propriedades lá, passamos a viver aqui na cidade, lá na cidade, e até hoje eu tenho esse prazer, essa coisa maravilhosa de tá aqui dentro de mim, desse jeito (bate no peito)... eu tô com calor (o vaqueiro sacode o gibão que está vestindo), mas tô feliz, pra mim isso daqui é mais um ano de vida.

Esse sentimento de pertencimento invade não apenas os relatos dos participantes, mas revela o lugar que essa cultura ocupa em suas vidas, em suas famílias e como esses momentos de interlocução são uma maneira de transmitir a outros viventes a sua experiência marcada na memória. Essa memória individual passa agora à coletividade (Hampaté Bâ, 2010), para que mais moradanovenses, canindeenses e cearenses sejam arrebatados por esse sentimento, por essa identidade ancestral.

Ao percebermos esse movimento identitário que também revela aspectos étnicos (Mey, 1994), os vaqueiros, em consonância com Jucá Neto (2012) e Vieira Junior (2004), são vistos como descendentes de uma mistura entre brancos, indígenas e negros e outros grupos de designação étnica não definida, que encontraram no sertão um refúgio com oportunidades de trabalho e de mudança de vida. A eles também se juntaram “os índios expulsos de suas terras, aqueles índios que não morriam nos conflitos, tornaram-se também uma força de trabalho domada para lidar com o gado” (Nunes, 2018, p. 98), força que surgiu dos conflitos entre os sesmeiros recém-chegados ao sertão.

É nesse lugar de conflitos e resistências que o vaqueiro busca não perder o seu espaço na contemporaneidade, pois, mesmo chegando ao sertão por não poder mais o gado habitar certos domínios, esse ator social se destacou:

Sem um projeto metropolitano específico para a ocupação do território cearense, a Capitania foi conquistada pelos vaqueiros que conduziam as boiadas provenientes tanto do Piauí como do litoral açucareiro. O Estado Português nada mais fez do que utilizar os caminhos das boiadas, procurando capitalizar a atividade pecuarista, exatamente nestas veredas sertanejas, abertas pelos vaqueiros, as vilas cearenses foram criadas. (Jucá Neto, 2012, p. 110-111).

Outras adversidades podem ser também percebidas nos relatos dos vaqueiros participantes da pesquisa. Muitos deles contam suas intempéries diárias como uma maneira de marcar a sua história de luta pela cultura vaqueira e por sua sobrevivência. Destaco aqui o relato de um vaqueiro que trocou o cavalo pela moto, ele explica:

Manter um cavalo é muito caro! É ração, é remédio, é vitamina, é veterinário... sem falar que é mais caro que a moto... cê não compra um cavalo por três mil, é muito mais! A moto não fica doente e não morre... eu adoro cavalo, mas na condição que tá hoje não dá! Quando tem festa, eu alugo pra ir na cavalgada ou pego emprestado... aí eu me sinto como meu pai

que era um grande vaqueiro!

Ao ver o relato desse vaqueiro, que representa tantos outros que conheci no percurso etnográfico, encontro-me com uma problemática real, que bate à porta de muitos viventes dessa cultura: o dilema entre a manutenção das tradições aprendidas pelos mais velhos e a necessidade de continuar trabalhando mesmo com adaptações. Na contemporaneidade, percebo que esses dilemas se acentuam, pois institui-se aí uma disputa entre tradição e modernização que não agrada a todos, mas, ao mesmo tempo, reverbera a vontade de manter-se a cultura e a identidade de uma atividade que está presente em suas vidas desde a infância.

Para além da disputa entre o tradicional e o moderno, há ainda um conflito mercadológico que mercantiliza e elitiza os prazeres antes populares, como cavalgar, pois há uma cadeia produtiva e econômica, que envolve a cultura e capitaliza suas práticas. Desse modo, por exemplo, podemos observar como a cultura da vaquejada movimenta todo um mercado que abrange desde a criação de animais (principalmente equinos e bovinos), os trabalhadores liberais e das propriedades (veterinários de formação e práticos, tratadores, casqueadores etc.), a indústria de ração e cuidado animal, os patrocinadores e os comerciantes de pequeno e médio porte que participam da festa, entre outros sujeitos e grupos que movimentam a economia dos municípios.

Por essas e tantas outras razões, a identidade e a alteridade dos vaqueiros são aspectos que os definem e, por seu turno, alimentam a cultura, mostrando que o tempo é um elemento que os guia no processo de permanência, construção e reconfiguração social, histórica e cultural. Assim, quando indago sobre o que é ser vaqueiro hoje, muitos trazem à tona o sentimento de pertencimento e, junto com ele, as formas lexicais, ou seja, os elementos linguístico-culturais que nomeiam os elementos dessa tradição. Logo, como bem defende Bagno (2020), as línguas são reconhecidas principalmente por receberem um investimento, que publiciza para a sociedade uma descrição de língua que lhe dá um status sociopolítico. É por essa razão que me dedico, desde 2015, a ecoar por meio desses movimentos de produção acadêmica a cultura vaqueira, de modo a produzir com os próprios vaqueiros e com copartícipes dessa cultura uma rede que propaga o léxico dessa cultura e mostra como esse léxico se relaciona com a contemporaneidade e com o *modus vivendi* desses atores sociais símbolo do sertão.

Considerações Finais

Depois de discutir as experiências etnográficas vividas com os vaqueiros, observo a ação de problematizar a configuração sócio-discursiva como um exercício que demonstra a relevância do léxico da cultura vaqueira e suas práticas languageiras envolvidas na etnografia inserida no contexto laboral e social desse grupo, que está presente no sertão desde os primeiros séculos da colonização brasileira.

É nesse cenário que a LA Indisciplinar contribui sobremaneira para a compreensão de uma realidade linguística multifacetada, capaz de estabelecer diálogos entre áreas como as Ciências do Léxico, a Etnolinguística, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e a História, de modo a fazer ecoar as demandas declaradas pelos vaqueiros e por seus copartícipes durante as vivências etnográficas. Não obstante, esse diálogo colaborativo entre as áreas – tão anunciado e defendido por Moita Lopes (2006; 2013), Signorini (1998a; 1998b) e Rajagopalan (2003; 2006) – traz à tona questões reveladas pela linguagem – seja no léxico, seja no discurso – que extrapolam os domínios da própria linguagem e nos fazem refletir sobre questões que possibilitam o entendimento e/ou o debate acerca de temas como profissão, trabalho, precariedade das condições de vida, identidade, contexto sócio-histórico, dentre outras temáticas.

Sendo assim, concebo o léxico como um construto linguístico e cultural que revela os modos de vida, nomeia seus viventes, suas práticas laborais e de lazer, seus espaços, suas vestimentas, sua alimentação, seus animais, suas crenças e suas ideologias. É no léxico que imprimimos as intencionalidades e não é diferente com os participantes da pesquisa, principalmente a pesquisa etnográfica, que se pauta na vivência e nessa vivência aproxima pesquisador e participantes, com vistas a estabelecer uma relação de cumplicidade e reciprocidade em que os envolvidos se desnudam da vigilância e revelam suas reais intencionalidades e práticas discursivas.

A esse respeito Signorini (1998a, p. 91) declara que “[...] a LA tem buscado cada vez mais a referência de uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes”. Foi com esse espírito que adentrei no campo de pesquisa com a etnografia, posto que acredito e vivencio essa metodologia como um espaço de interação e de colaboração mútua e contínua, que proporciona a pesquisadores e a participantes

um engajamento que suscita não somente a compreensão da realidade social pesquisada por meio da linguagem, mas fomenta a produção de conhecimento por esses viventes.

Referências

- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAGNOS, M. **A língua de Eulália**: novela Sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
- BARBUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARREIROS, P. N.; BARREIROS, L. L. S. O vocabulário da ditadura militar nos panfletos de Eulálio Motta. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 385-420, jul./dez., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p385-420>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BENVENISTE, É. **Problèmes de linguistique générale**. France: Gallimard, 1974. v. 2.
- BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg papers in culture studies**, Tilburg University, p. 1-28, n.100, 2014.
- BORGES, ROSA. Experiências e descentramentos epistemológicos na prática filológica. In: SOUZA, R. B. de; BORGES, R.; ALMEIDA, I. S. de; SOUSA, D. de. (orgs.). **Filologia em diálogo**: descentramentos culturais e epistemológicos. Salvador: Memória & arte, 2020. p. 15-47.
- CHARTIER, R. Verdade e prova: retórica, literatura, memória e história. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. **Discurso e (pós)verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.
- COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. Tradução de M. M. Hernandez. 2. ed. Madrid: Gredos, 1981.
- DOMINGUES, W. C. L. Etnia Xakriabá, signo preconceito: trajetórias convergentes. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 280-287, jul./de. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/68314/39879>. Acesso em: 22 out. 2024.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: qual o sentido?. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- HAMPATÉ BÁ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.
- JUCÁ NETO, C. R. **Primórdios da urbanização no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MEY, J. How to do good things with words: a social pragmatics for survival. **Pragmatics**, v. 4, n. 2, p. 239-263, 1994.
- MILLER, I. K. de. Formação de professores de línguas: da eficiência à reflexão crítica e ética. In: MOITA LOPES, L. P. (org.). da. **Linguística Aplicada na modernidade recente**: Festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013. p. 99-121.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **O português no século XXI**: cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NUNES, T. R. **Língua(gem) e cultura**: um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará. 2018. 368 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p.21-46.

RAJAGOPALAN, K. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa da mídia, em conflitos internacionais. **Estudos Linguísticos** (Anais do GEL), v. 27, CDRom, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Pós-modernidade e a política de identidade. In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. (orgs.). **Políticas em linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 61-80.

REGNAULT, F. L. Films et Musées d’Ethnographie. **Session de l’Association Française Pour l’Avancement des Sciences**, Paris, 1923.

SIGNORINI, I. (Des)Construindo bordas e fronteiras: letramento e identidade social. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 1998b. p.139-171.

SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998a. p.89-98.

SILVA NETO, S. da. **Língua Cultura e Civilização**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SILVA, M. de C. e. Crítica Textual: conceito – objeto – finalidade. **Confluência**. Rio de Janeiro, n.7, sem. 1, p. 57-63, 1994.

SIMON, R.; DIPPO, D. On critical ethnographic work. **Anthropology & Education Quarterly**, v. 17, n. 2, p. 195-202, 1986.

TIBALLI, E. F. A.; JORGE, L. E. A etnofotografia como meio de conhecimento no campo da educação. **Habitus**. Goiânia, v. 5, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/377/314>. Acesso em: 06 jun. 2021.

VIEIRA JÚNIOR, A. O. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no Sertão (1780-1850). Fortaleza: Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

XIMENES, E. E. **Fraseologias Jurídicas**: Estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

Sobre a autora

Ticiane Rodrigues Nunes - Doutora em Linguística Aplicada pela UECE (2018);

Professora Assistente da Universidade Regional do Cariri (URCA); Missão Velha, Ceará, Brasil. Vice-líder do grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará (PRAETECE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8095358716011211>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8877-278X>. E-mail: ticiane.nunes@urca.br.